

Ana Maria Castelo Branco  
Ana Lúcia de Almeida Freitas

# Comadre Fulozinha

As histórias que nos contaram...



## **Organização**

Ana Maria Castelo Branco  
Ana Lúcia de Almeida Freitas

## **Revisão**

Ana Maria Castelo Branco

## **Capa, diagramação, ilustração**

Ana Maria Castelo Branco  
IA, Freepik.com, Canva.com  
Espaço da Escrita Literária  
Recife, 2024 - 1ª Edição

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Comadre fulozinha : as histórias que nos  
contaram-- / organização Ana Maria Castelo  
Branco, Ana Lúcia de Almeida Freitas. --  
Recife, PE : Ed. dos Autores, 2024.

ISBN 978-65-01-22472-5

1. Literatura infantojuvenil I. Branco, Ana  
Maria Castelo. II. Freitas, Ana Lúcia de Almeida.

24-238319

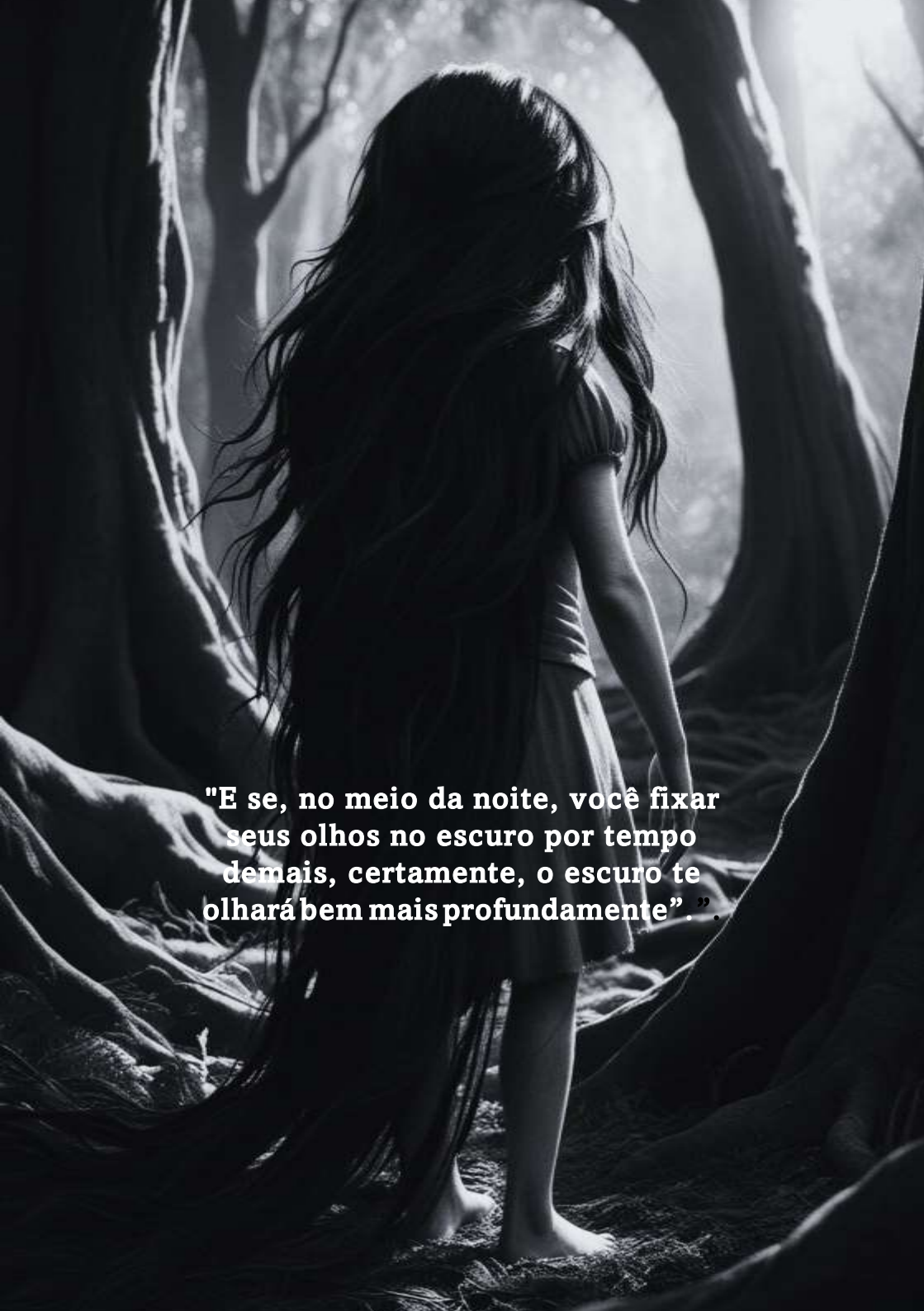
CDD-028.5

### **Índices para catálogo sistemático:**

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Copyright "©" 2024. Todos os direitos reservados.  
Proibida a reprodução parcial ou total, por qualquer meio.  
Lei Nº 9.610 de 19/02/1998. (Lei dos direitos autorais).  
Novembro de 2024. Escrito e produzido no Brasil.



**"E se, no meio da noite, você fixar  
seus olhos no escuro por tempo  
demais, certamente, o escuro te  
olhará bem mais profundamente". "**



A black and white photograph of a large, gnarled tree in a desert landscape. The tree is the central focus, with a thick, twisted trunk and a dense, rounded canopy. The ground is sandy and uneven, with some smaller bushes and trees in the background. The lighting creates strong shadows, highlighting the texture of the tree's bark and the contours of the desert floor.

**Para todos que, na infância, ouviram as muitas histórias sobre a comadre Fulozinha e foram dormir morrendo de medo dos assovios horripilantes.**



# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1 A origem da comadre Fulozinha.....	15
CAPÍTULO 2 A aparência da comadre Fulozinha.....	21
CAPÍTULO 3 Proteção e vingança.....	27
CAPÍTULO 4 Os assovios e a mistificação.....	33
CAPÍTULO 5 Rituais e oferendas.....	39
CAPÍTULO 6 Traquinagens e encantamentos.....	45
CAPÍTULO 7 As histórias que nos contaram.....	51
AGRADECIMENTOS.....	77



## INTRODUÇÃO

Nas terras sombreadas da Zona da Mata, onde os caminhos se entrelaçam como galhos de mangueira, mas também nas vastidões do Agreste e nos espinhosos Sertões de Caatinga, vive, entre assovios e sussurros, uma personagem que só a voz do povo sabe bem desenhar.

Ela é a Comadre Fulozinha, guardiã das matas, dos mandacarus e juazeiros, filha dos ventos e companheira dos animais – a quem muitos chamam de "Mãe da Mata". Mas, atenção: falar dela é mexer com o desconhecido, pois há quem diga que a Comadre não gosta de ser lembrada, e que seu nome, quando dito em voz alta, ecoa pelos arbustos retorcidos e pelos campos secos, chamando a sua presença onde quer que se esteja.

Este livro nasceu dos encontros em sala de aula, onde a lenda se deparou com os ouvidos atentos e as memórias frescas. Foram as professoras Ana Maria Castelo Branco e Ana Lúcia de Almeida Freitas, que lecionam na

Escola Mul. Maurina Rodrigues dos Santos em Passira/PE, que atiçaram a curiosidade dos estudantes do quinto ano A, B e C ao trabalharem as lendas folclóricas.

Com o mesmo respeito que se pisam as folhas caídas no chão da floresta, trouxeram à tona as histórias que os alunos guardavam dos seus mais velhos – avós, bisavós, pais e tias, vizinhos de longa data... E, assim, a tradição foi desfiada, fio por fio, contando-se os "causos" de quem ouviu falar, de quem disse que viu e até de quem jura que foi vítima das traquinagens da Comadre.

Nesse resgate oral e escrito, revelam-se crenças que se perdem no tempo. Há aqueles que acreditam firmemente na Comadre, que deixam mingau e fumo nas beiras da mata, enquanto outros veem tudo como lenda, uma história boa para contar nas noites de lua cheia. Mas seja como for, entre crer e duvidar, todos sabemos: deixar quieta a Comadre Fulozinha é sempre um bom conselho, porque, como reza o ditado antigo, "do que a gente não conhece bem, é melhor nem se meter a conhecer."